

Revisão:

Duas primeiras seções de O Capital

A mercadoria

- a) Os dois fatores: valor de uso e valor
- b) Duplo caráter do trabalho

Seção 1:

Os dois fatores da mercadoria:
valor de uso e valor

“A **riqueza** das sociedades em que domina o **modo de produção** capitalista aparece como "uma **imensa coleção de mercadoria**", e a **mercadoria** individual como sua forma elementar. Nossa investigação **começa**, portanto, com a análise da mercadoria.”

Valor de uso

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie.

A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa.

Utilidade

A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. Essa utilidade, porém, **não paira no ar**. Ela é determinada pelas propriedades do corpo da mercadoria.

O seu caráter de valor de uso não depende de se a apropriação de suas propriedades úteis custa ao homem muito ou pouco trabalho.

Suporte

Os valores de uso constituem o **conteúdo material da riqueza**, qualquer que seja a forma social que essa riqueza assuma historicamente.

Na forma de sociedade por nós examinada, eles constituem, ao mesmo tempo, os portadores materiais do – valor de troca.

Valor de troca

O valor de troca **aparece**, de início, com **relação quantitativa**, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam contra valores de uso de outra espécie, uma **relação que muda** constantemente no tempo e no espaço.

Isto é: 20 varas de lenço = 1 casaco.

Enigma

O valor de troca parece, portanto, **algo casual e puramente relativo**; um valor de troca **imane**nte, **intrínseco** à mercadoria, portanto uma *contradictio in adjecto*” [Ou seja, uma contradição, um absurdo].

[Por que?]

Observemos a coisa mais de perto.

A cadeia de valores de troca

Determinada mercadoria, 1 quarter de trigo, por exemplo, troca-se por x de graxa de sapato, ou por y de seda, ou por z de ouro etc. ... Assim, o trigo possui múltiplos valores de troca...
permutáveis uns pelos outros ou iguais entre si.

Nota enfática

Note-se que coisas qualitativamente diferentes são igualadas nas trocas mercantis.

E que isto é feito pelo homem enquanto agente econômico, obedecendo a linguagem das mercadorias: o valor de troca.

Como isto é possível? O valor de troca é intelegível?

O conteúdo da forma

Por conseguinte, primeiro: os valores de troca [...] expressam algo igual. Segundo, porém: o valor de troca só pode ser [...] a "forma de manifestação" de um conteúdo dele distinguível.

O conteúdo é uma redução

Um simples exemplo geométrico torna isso evidente. Para determinar e comparar as áreas de todas as figuras planas tem-se que **decompô-las em triângulos**.

O mesmo ocorre com os valores de troca das mercadorias: tem-se de **reduzi-los** a algo comum.

Algo em comum

Esse algo em comum não pode ser uma propriedade geométrica, física, química ou qualquer outra propriedade natural das mercadorias.

As propriedades corpóreas [...] tornam-nas valores de uso.

Por outro lado, porém, é precisamente a abstração de seus valores de uso que caracteriza evidentemente a relação de troca das mercadorias.

Produtos do trabalho

Nessa relação um valor de uso vale exatamente tanto como outro qualquer, desde que esteja na **proporção adequada**.

Deixando de lado, então, o valor de uso dos corpos das mercadorias, resta a elas apenas uma propriedade, que é a de serem **produtos do trabalho**.

Um problema

Mas que "trabalho"?

Notem que pedreiro, por exemplo, produz casa; marceneiro produz móveis, etc., ou seja, que cada trabalho concreto produz um valor de uso específico.

Assim como os valores de uso são diferentes, os trabalhos concretos também são diferentes.

Uma solução

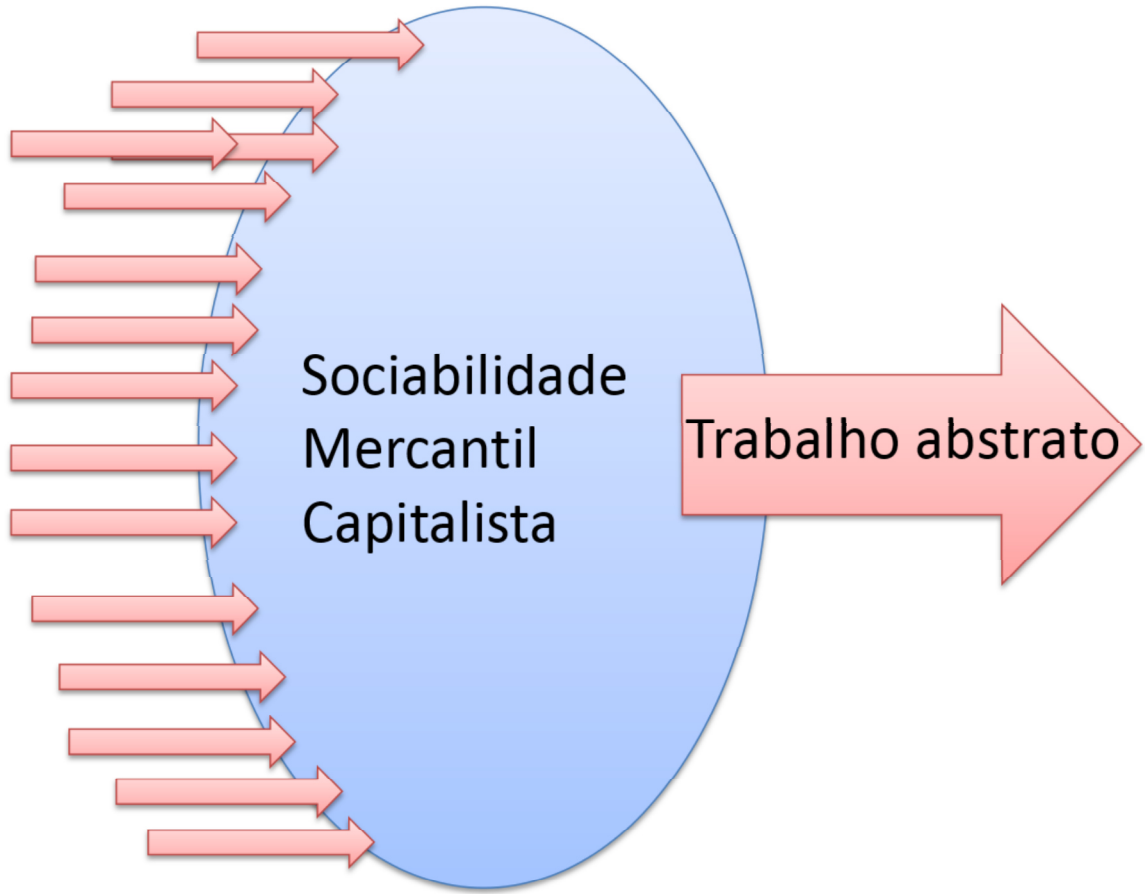
*Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados [...] para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a **trabalho humano abstrato** [...] [As mercadorias, então,]... como cristalizações dessa **substância social** comum ... são valores - valores mercantis.*

Objetividade fantasmagórica

Quando fazemos abstração do valor de uso da mercadoria, o que fica?

Não resta senão a mesma **objetividade fantasmagórica**, um simples gelatina de trabalho humano indiferenciado, isto é, dispêndio de força d.e trabalho humano

Dispêndio de força
de Trabalho



Do trabalho abstrato ao valor

Diz Marx:

O que há de comum, que se revela na relação de troca ou valor de troca das mercadorias, é, portanto, **o seu valor**.

O prosseguimento da investigação nos trará de volta ao valor de troca, como a maneira necessária de expressão ou forma de manifestação do valor.

O valor de troca expressa uma medida

*Portanto, um valor de uso ou bem possui valor, apenas, porque nele **está objetivado** ou **materializado trabalho humano abstrato**.*

Como medir então a grandeza de seu valor?

Por meio do **quantum nele contido** da substância constituidora do valor, o trabalho. A própria quantidade de trabalho é medida pelo seu tempo de duração.

Trabalho como força social

Um trabalho **preguiçoso** conta tanto quanto um trabalho **diligente** na formação do valor?

A **força conjunta** de trabalho da sociedade, que se apresenta nos valores do mundo das mercadorias, vale aqui como uma única e a mesma força de trabalho do homem em geral, não obstante ser composta de inúmeras forças de trabalho individuais.

Socialmente necessário

Logo, cada força individual de trabalho conta apenas como força social média.

Tempo de **trabalho socialmente necessário** é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer, nas condições dadas de produção normais, e com o grau social médio de habilidade e de intensidade de trabalho.

Formação do valor

É, portanto, apenas o **quantum de trabalho socialmente necessário** para a produção de um valor de uso o que determina a grandeza de seu valor.

A mercadoria individual vale aqui apenas como **exemplar médio** de sua espécie.

Seção 2:

Duplo caráter do trabalho
representado nas mercadorias

Algo dúplice

A mercadoria apareceu, inicialmente, como **algo dúplice**, valor de uso e valor de troca.

Depois, mostrou-se que também o trabalho, à medida que é expresso no valor, já não possui as mesmas características que lhe advêm como produtor de valores de uso.

Criador de valores de uso

Logo, o trabalho é também dúplice, pois produz valor de uso e valor.

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre o homem e a natureza e, portanto, da vida humana.

Trabalho como força natural

Ao produzir, o homem só pode proceder com a própria natureza, isto é, apenas mudando as formas das matérias.

Mais ainda. Nesse trabalho de formação, ele é constantemente amparado por forças naturais. Portanto, o trabalho não é a única fonte dos valores de uso que produz, da riqueza material. Dela o **trabalho é o pai**, como diz William Petty, e **a terra a mãe**.

Trabalho como força social

Passemos, agora, da mercadoria, enquanto objeto de uso, para a mercadoria enquanto valor.

1 casaco = 10 varas de linho (2 W)

Marx analisa essa expressão qualitativa (primeiro) e só depois quantitativamente.

Quanto à qualidade

Enquanto valores, casaco e linho são coisas de igual substância, expressões objetivas do mesmo tipo de trabalho. Mas a alfaiataria e a tecelagem são trabalhos qualitativamente diferentes.

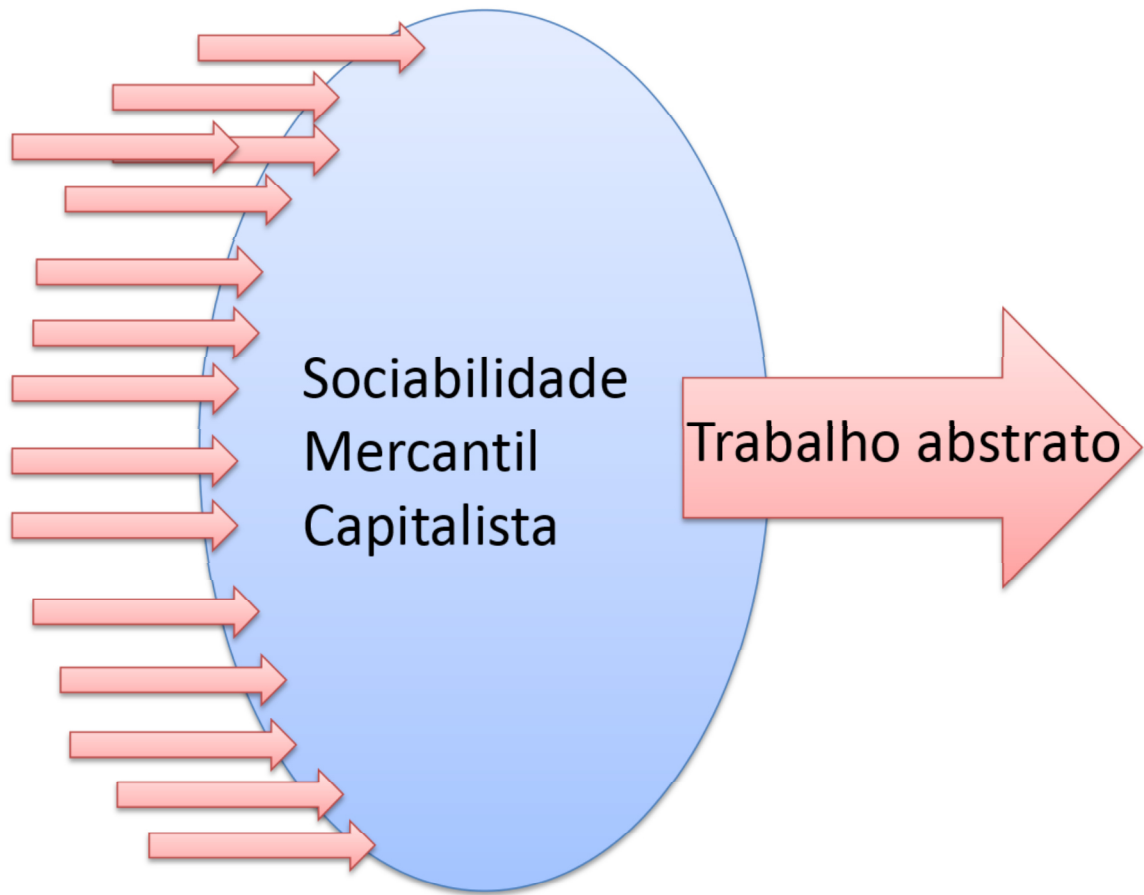
Logo, na troca enquanto tal é feita uma abstração em ato dos valores de uso.

Que abstração?

Abstraindo-se da determinação da atividade produtiva e, portanto, do caráter útil do trabalho, resta apenas que ele é um **dispêndio de força humana de trabalho**.

Alfaiataria e tecelagem, apesar de serem atividades produtivas qualitativamente diferentes, são ambas dispêndio produtivo de cérebro, músculos, nervos, mãos etc. humanos e, nesse sentido, são ambas trabalho humano.

Dispêndio de força
de Trabalho



Trabalho simples e complexo

O trabalho humano é dispêndio da força de trabalho simples que, em média, **toda pessoa comum**, sem desenvolvimento especial, possui em seu organismo físico.

Trabalho mais complexo vale apenas como trabalho simples potenciado ou, antes, multiplicado, de maneira que um pequeno quantum de trabalho complexo é igual a um grande quantum de trabalho simples.

Processo social

As diferentes proporções, nas quais as diferentes espécies de trabalho são reduzidas a trabalho simples como unidade de medida, **são fixadas por meio de um processo social por trás das costas dos produtores** e lhes parecem, portanto, ser dadas pela tradição.

Para Marx, o capitalismo é caracterizado por um **inconsciente social que regula as trocas como “mão invisível”**.

Questão quantitativa

Casaco e linho não são apenas valores [no ato da troca], mas valores de determinada grandeza e, segundo a nossa suposição, o casaco tem o dobro do valor de 10 varas de linho. **De onde vem essa diferença de suas grandezas de valor?**

O linho só contém metade do valor do casaco porque para a produção do último a força de trabalho precisa ser despendida durante o dobro de tempo que para a produção do primeiro.

Em conclusão

Todo trabalho é, por um lado, **dispêndio de força de trabalho** do homem no sentido fisiológico e, na qualidade de trabalho humano igual ou **trabalho humano abstrato** forma o valor da mercadoria.

Todo trabalho é, por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem **sob a forma especificamente adequada a um fim**, e nessa qualidade de trabalho concreto útil produz valores de uso.